Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data ___/___/___
Cod. ØFDØØØ82

O CÓLERA E OS ÍNDIOS DO JAVARI

Julio Cezar Melatti

Nas matérias que a Folha vem dedicando assiduamente ao cólera, foi somente no dia 18 de abril (Caderno 1, pág. 10) que, salvo engano, pela primeira vez se mencionaram as populações indígenas da fronteira como passíveis de serem atingidas.

De fato, a situação é extremamente preocupante, sobretudo no que tange àquelas sociedades indígenas que vivem na bacia do Javari, o rio que ao longo de todo o seu curso separa o Brasil do Peru e que desemboca no Amazonas justamente nas proximidades do aglomerado urbano constituido pelas cidades brasileiras Benjamin Constant e Tabatinga e pela colombiana Letícia, com a manifestação nas duas últimas dos primeiros casos de cólera.

Bem ao lado do aeroporto de Tabatinga está a aldeia ticuna de Umariuaçu, que abriga o mais antigo posto indígena da região. Os índios ticunas, que somam em torno de vinte mil, freqüentam as ditas cidades e suas comunidades se espalham por um longo trecho do Amazonas e o baixo curso de seus afluentes, numa área que se estende pelos territórios do Brasil, da Colômbia e do Peru. Eles talvez venham a ser os primeiros índios contaminados.

Mas convém não esquecer que o longo curso do Javari pode ser cruzado em qualquer ponto, uma vez que os poucos e pequenos núcleos urbanos e guarnições militares de um e do outro País são separados por compridos trechos parcamente habitados e sem qualquer controle. Os regatões, comerciantes que

abastecem seringueiros e madeireiros e deles compram os produtos florestais, sobem e descem o rio, levando e trazendo eventuais passageiros, fazendo seus negócios tanto na margem brasileira quanto na peruana.

No baixo curso do Javari há uma concentração de índios canamaris e outra de maiorunas ou matsés, ambas na margem direita. No alto curso e nos seus afluentes está a maior parte da população matsés, tanto do lado do Brasil como no do Peru. Certamente com freqüência indivíduos desta etnia atravessam de um para outro lado da fronteira. Por conseguinte, os próprios matsés poderão vir a introduzir o cólera no território brasileiro e simultaneamente serem suas primeiras vítimas, sem poderem se dar conta do que lhes estará ocorrendo.

Nos afluentes e sub-afluentes brasileiros do Javari, também freqüentados por regatões, madeireiros e seringueiros, vivem os marubos (nos altos cursos do Curuçá e do Ituí), os matis (médio Ituí), os corubos (confluência do Ituí com o Itacoaí), os maiás (rio Quixito), os culinas (médio Curuçá e alto Itacoaí) e os canamaris (alto Itacoaí).

A julgar pelo que vi e ouvi em minhas visitas à região, em 1974-5, 1978 e 1983, para realizar pesquisa etnológica junto aos marubos, o atendimento aos índios da bacia do Javari é bastante precário, dado o pequeno número de postos indígenas, a falta de pessoal habilitado, as longas distâncias, agravadas pela má conservação das embarcações e dos rádios da FUNAI. Por causa disso, em um período de poucos meses, por volta de 1982, morreram

48 índios matis, que correspondiam a um terço da população dessa sociedade, atingidos por uma enfermidade que não sei se chegou a ser identificada.

O posto da Missão Novas Tribos do Brasil junto aos marubos do alto Ituí, chamado Vida Nova, é o único lugar do lado oriental da bacia do Javari a dispor de um campo de pouso e assim mesmo para aviões muito pequenos. Apesar de dispor também de um rádio, e de uma tosca enfermaria com um estoque de remédios mais sortido do que os dos postos da FUNAI, não há comunicação direta no interior da região entre missionários e os agentes desse órgão federal.

Na mesma edição a Folha divulga que o Ministério da Saúde já admite a possibilidade da ocorrência de surtos da moléstia em território nacional. Portanto, é de se esperar que as medidas que estão sendo tomadas pelas autoridades no sentido de se debelarem prontamente os surtos de cólera que vierem a surgir no País se estendam ainda com maior vigor e empenho às sociedades indígenas da fronteira. Dada a pequenez de suas populações, a dificuldade em se saber com presteza o que entre elas ocorre e a precariedade dos meios de transporte que nos levam até as mesmas, o que seria um "surto" de cólera numa cidade, para elas corresponderá a uma devastadora "epidemia".

Julio Cezar Melatti, 53, é professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

CONVENÇÕES

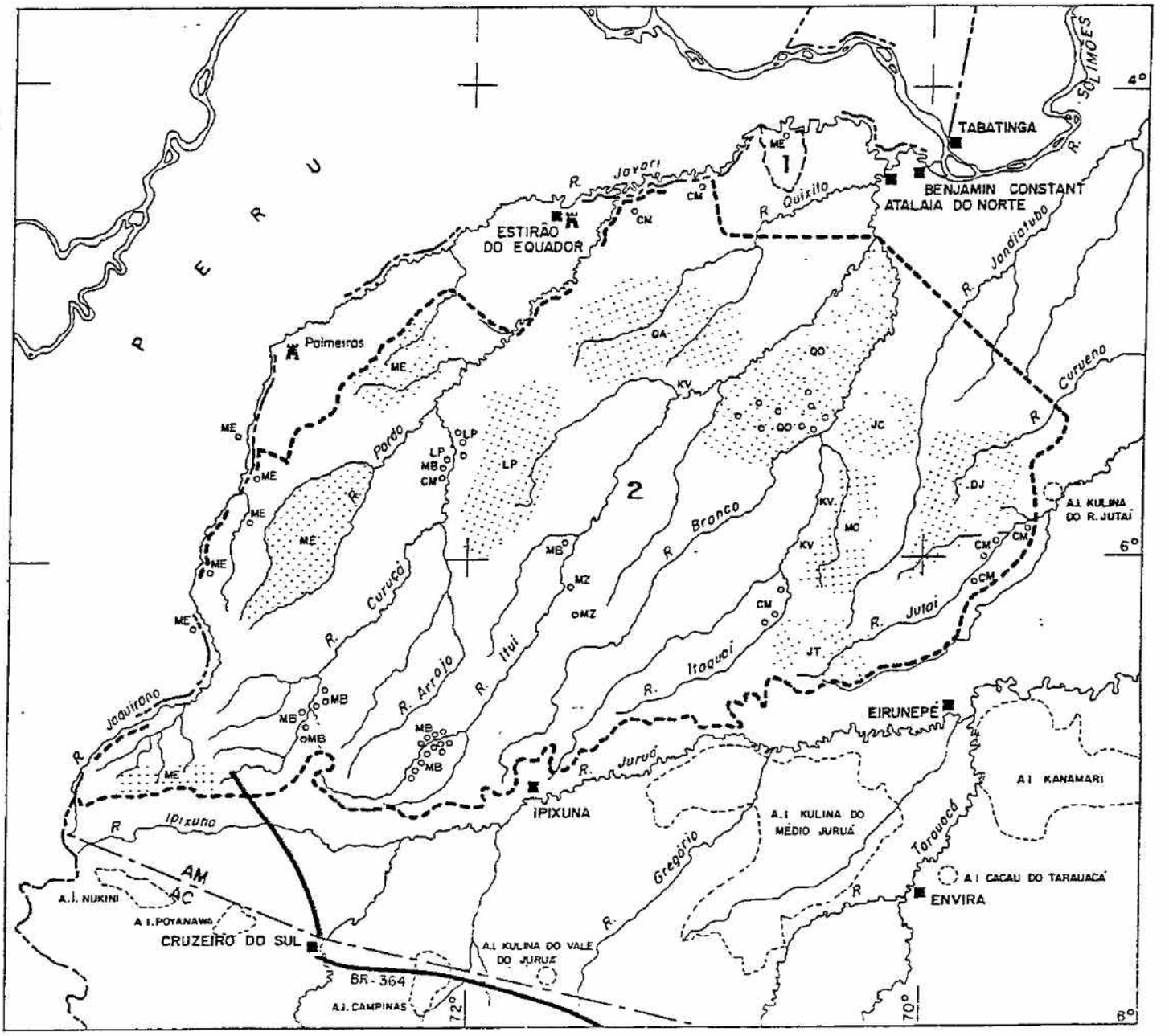
cód.	povo		
CM	Canamari	MB	Marubo
DJ	Tsohom Djapá	ME	Matsé
JC	Ar. Jandiatuba	MO	Ar. São José
JT	Ar. Alto Jutaí	MZ	Matís
KV	Kulina	QA	Ar. Quixito
LP	Kulina Pano	QO	Korubo

ESCALA GRÁFICA

20 km 0 20 40 60 80 100 km

1986

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

· C E D I ·

JAVARI